

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
A CINEMATECA COM O QUEER LISBOA: YVONNE RAINER  
23 de Setembro de 2023

## FILM ABOUT A WOMAN WHO... / 1972-1974

*um filme de Yvonne Rainer*

Realização e Argumento: Yvonne Rainer / Fotografia: Babette Mangolte / Som: Deborah S. Freedman, Lawrence Loewinger, Kurt Munkacsi / Montagem: Babette Mangolte, Yvonne Rainer / Títulos: Neil Murphy / Música: Excertos de “La Sonnambula”, de Vincenzo Bellini; “Maria Elena”, The Baja Marimba Band; Three Piano Sonatas, de Edvard Grieg, por Philip Corner / Fotografias: das famílias Mangolte e Soffer / Com: Dempster Leech, Shirley Soffer, John Erdman, Renfreu Neff, James Barth, Epp Kotkas, Sarah Soffer, Yvonne Rainer, Tannis Hugill, Valda Setterfield / Narração: Yvonne Rainer e John Erdman.

Produção: Yvonne Rainer (Estados Unidos, 1974) / Cópia: em DCP (suporte original em 16 mm), preto e branco, versão original inglesa com legendagem electrónica em português / Duração: 105 minutos / Estreia comercial: 11 de Dezembro de 1974, Estados Unidos da América / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

---

Coreógrafa, bailarina e cineasta norte-americana que se tem afirmado como uma figura pioneira do movimento de vanguarda desde os anos 1960, Yvonne Rainer é autora de uma obra multifacetada que tem desenvolvido ao longo de mais de cinco décadas. Rainer (n. 1934) vive e trabalha em Nova Iorque, cidade onde desenvolveu grande parte da sua obra marcada por um forte experimentalismo, que cruza tendências e movimentos que dominaram a arte contemporânea, como o minimalismo nas suas várias formas, da música às artes plásticas, desafiando cânones e convenções, primeiro na dança e mais tarde no cinema, arte em que aprofunda a exploração de formas e temas política e socialmente subversivos. Próxima de coreógrafos como Martha Graham ou Merce Cunningham, com quem estudou, ou músicos como John Cage, é sob a sua influência que começa a coreografar na transição para os anos sessenta, começando a dedicar-se ao cinema uma década depois. Considerada uma das mais influentes performers do século XX, ficarão para a “História” várias das suas peças, mas também os filmes, onde prolonga o seu trabalho como coreógrafa, acrescentando-lhe outras vertentes, algumas delas inesperadas.

Nestes dias, no âmbito de uma frutuosa colaboração com Festival Queer Lisboa, temos o enorme privilégio (“**Privilege**” é inclusive o título de um dos filmes de Rainer datado de 1990) de poder exhibir um importante conjunto de filmes da coreógrafa/cineasta nunca

antes mostrados na Cinemateca, a que se acrescentam dois documentários que ajudam a lançar luz sobre a sua obra: **Feelings Are Facts: The Life of Yvonne Rainer**, de Jack Walsh, e **Rainer Variations**, de Charles Atlas, cujo trabalho foi objecto de uma recente sessão no Festival Fuso, em Lisboa. Todos os filmes são apresentados em suporte digital, resultando de restauros recentes realizados pelo MoMA, com o apoio da The Celeste Bartos Fund for Film Preservation.

Como referi no texto introdutório deste programa, que agora retomo nesta sessão inaugural, este Ciclo inclui as sete longas-metragens que Rainer realizou entre 1972 e 1996, ficando apenas de fora as primeiras curtas-metragens, que acompanharam a progressiva incorporação das imagens filmadas nas suas peças dançadas. Filmes que nos ajudam a compreender o trabalho com o corpo por si desenvolvido enquanto coreógrafa que desde cedo rompeu com as formas mais clássicas, para olhar para os mais simples gestos quotidianos. Projecto que Rainer concretizou primeiro nos palcos e na dança, mas que se repete no cinema, acrescentando-lhe uma vertente psicológica (ou mesmo psicanalítica), propiciada pelo modo como nesse mesmo cinema usará a linguagem verbal. No seu conjunto estamos face a filmes extremamente singulares, avessos aos tradicionais esquemas narrativos, em que a presença do corpo dos actores tem um papel essencial, e que, cruzando ficção e autobiografia, versam sobre questões tão diversas e prementes como as relações amorosas, o envelhecimento (e em concreto o envelhecimento feminino), os estereótipos e a identidade sexual, o terrorismo, a psiquiatria e a psicanálise, o problema da habitação e o feminismo. Termos que obviamente constituem uma simplificação da complexidade da obra de Rainer.

Como a própria afirmou: “Fiz a transição da coreografia para o cinema entre 1972 e 1975. Num sentido geral a minha crescente consciência feminista foi um factor importante. Um estímulo igualmente urgente foram as crescentes mudanças físicas no meu corpo a envelhecer.” Rainer tinha na altura cerca de quarenta anos (quando realizou **Film About a Woman Who...** tinha exactamente 40). Ao abordarmos esta ideia dos “estímulos” no momento da transição pensamos imediatamente numa das suas personagens: Kristina, protagonista do filme **Kristina Talking Pictures** (1976), que aí afirma ter trocado “uma vida no circo pelo cinema, devido à influência de Martha Graham e de Jean-Luc Godard”. Esta é aliás uma outra referência óbvia quando abordamos a obra de Rainer do ponto de vista formal, mas também político, já que os anos setenta coincidem com a fase mais explicitamente politizada da obra de Godard, sendo que o modo como Rainer trata as questões políticas se aproxima mais do que seria o Godard mais tardio, mas sempre do ponto de vista feminino.

**Film About a Woman Who...**, esta segunda longa-metragem de Rainer, é frequentemente descrita como uma meditação sobre a ambivalência das relações amorosas ao acompanhar uma mulher cuja insatisfação sexual mascara uma enorme raiva. Rainer chegou a colocar a seguinte questão: “Pode a apresentação de um conflito social no cinema ou a experiência do amor e do ciúme ser revitalizada através de uma deslocação dos *clichés* das *soap operas* ou do melodrama?”. Trata-se de uma questão algo abstracta, mas estamos em plenos anos setenta, os mais “teóricos” de um certo cinema, e Rainer sempre foi conhecida pela sua vertente mais conceptual. **Film About**

**a Woman Who...** parece procurar a resposta a esta questão ao relatar uma tempestuosa relação de um casal heterossexual com recurso a intertítulos, voz *off*, imagens fixas e outras soluções menos convencionais, expandindo assim as estratégias da sua primeira longa, **Lives of Performers** (1972). E se já referimos o nome de Jean-Luc Godard, pensamos também em Alexander Kluge que, desde o início dos anos sessenta, trabalhava a mesma mistura de suportes e de materiais, e em cujas ficções cinematográficas personagens femininas extremamente livres desempenhavam um papel essencial num mesmo espírito brechtiano e anti-ilusionista.

Tal deslocamento é acentuado desde o início de **Film About a Woman Who...**, em que vemos um conjunto de personagens a olhar para um ecrã (que não vemos de imediato), espelhando de algum modo a nossa posição de espectador. A narrativa fragmentária expressa em parte pela voz *off* – um texto dito a duas vozes, a de Yvonne Rainer e a de John Erdman – prolonga-se pelo texto que é escrito em planos que funcionam como os intertítulos do cinema mudo, acentuando ou contradizendo o que vemos nas imagens. A fotografia é de Babette Mangolte, colaboradora de Rainer, de Akerman ou ela própria realizadora, que aqui coassina a montagem e partilha com Rainer imagens fotográficas da sua própria família. São muitas as fotografias e as imagens estáticas que interrompem o habitual fluxo das imagens do cinema, com efeitos surpreendentes.

Os protagonistas serão a família, que observamos nas imagens filmadas do início, grande parte delas em silêncio (e posteriormente transpostas para os slides visionados pelo grupo sentado no sofá). Entre a depressão e uma demonstrada ambivalência face a uma relação que termina em violência, a história da mulher contrasta com as imagens iniciais de uma idealizada família perfeita. As camadas sobrepõem-se, terminando o filme numa coreografia, dançada por dois bailarinos ao som do piano de Philip Corner, intercalado com longos silêncios. Como está descrito no genérico inicial, parte do filme foi financiado com o dinheiro das peças de Rainer, que de algum modo transportam directamente o registo serial para dentro do filme pela enumeração das suas sequências. **Film About a Woman Who...** é um filme complexo, mas que encerra também bastante humor.

"You could always have an ocean ending." Basta para isso terminar com imagens das ondas do mar. Yvonne Rainer disse-o e fê-lo.

Joana Ascensão